

**PARTIR PARA DESENVOLVER, VOLTAR PARA VIVER: AS
MIGRAÇÕES DO/NO SERTÃO NORTE MINEIRO**

***STARTING TO DEVELOP, BACK TO LIVE: THE MIGRATION OF /
IN NORTHERN MINER SERTÃO***

**Andréa Maria Narciso Rocha de Paula
Ana Flávia Rocha de Araújo**

Universidade Estadual de Montes Claros
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social
andreapirapora@yahoo.com.br, aninha_rochaaraujo@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo visa caracterizar o território do migrante nortemineiro no âmbito de suas relações sociais, bem como, identificar os impulsos que acarretam o processo migratório, compreendendo assim, as dinâmicas de chegada e partida em seus mais diversos contextos. Para tanto, as concepções de tempo, espaço, lugar, mobilidade, bem como, o conceito de migração, são as bases de fundamentação para esta discussão.

Palavras-Chave: Sertão do Norte de Minas, migração, espaço, lugar e tempo.

ABSTRACT

This article aims to characterize the territory of migrant nortemineiro within their social relationships as well as identify the impulses which lead to the migration process, comprising thus the dynamic arrival and departure in its various contexts. For this, the concepts of time, space, place, mobility, and the concept of migration are the basis of reasoning for this discussion.

Keywords: Hinterland North Mine, migration, space, place and time.

INTRODUÇÃO

Migrar (...) é viver, em espaços geográficos diferentes (...) é viver como presente e sonhar como ausente. É até mesmo, partir e não chegar nunca. (José de Souza Martins).

Vivemos tempos e espaços em que a mobilidade de um lugar para o outro ultrapassou as fronteiras do fisicamente. Hoje, devido aos grandes avanços tecnológicos e da presença em massa da internet, podemos estar em qualquer lugar, em qualquer tempo-espaço, e ao mesmo tempo não estar em lugar nenhum. Lugar é uma forma de interação, seja do homem com o ambiente, ou do homem com um espaço específico. Lugar demanda pertencimento. Pertencimento demanda identidade.

Apreender o processo de deslocamento de um indivíduo ou grupo social, é constatar que a migração é um processo que para além “do estar em espaços sociais diferentes”, é um modo de reprodução social definido nas relações de tempo e espaço, enfatizando a dualidade de se estar em movimento.

Sendo assim, o processo migratório é um processo sócio-espacial. Onde os desejos, os objetivos, os medos e esperanças dos que migram se tornam identidades. O fato é que estamos sempre em deslocamento, de algum espaço, para algum tempo, e vice-versa.

De acordo com Paula (2009) a migração tornou-se então uma estratégia, uma resistência, uma eterna possibilidade ou impossibilidade de ficar ou sair. Os deslocamentos acabam por provocar modificações nas relações e interações dos indivíduos nos seus mais diferentes espaços.

Segundo MARTINS (1896:45), migrar “é estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum. É, até mesmo, partir sempre e não chegar nunca”. Nessa dicotomia, as migrações do Sertão Nortemineiro continuam rumo às grandes capitais, mas há também uma maior visibilidade das regiões em torno, para a busca de uma melhor reprodução da vida. No entanto, o estar em um lugar não significa pertencer.

Dessa forma, mudam-se os espaços, os tempos, as dinâmicas, os contextos, os personagens, mais ainda continuam ocorrendo as migrações do/no sertão. De certo modo, o processo migratório ocasionou uma multiplicidade de identidades, aonde quem migra continua a reproduzir os modos de vida do seu lugar de origem, mas também passam a representar identidades do seu lugar de destino. Na bagagem, um pouco do que ficou para trás. No coração, a esperança de uma vida melhor. No fim, partem para se desenvolver, mas acabam voltando para “viver”. Afinal, mobilidades.

O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO NORTE DE MINAS

O processo de desenvolvimento do Norte de Minas ocorreu através de dois grandes fatos históricos que constituem a história do nosso país: a criação de gado e a vasta quantidade de terras livres; que posteriormente enaltecera a região, trazendo em sua estrutura povos de várias etnias (indígenas, africanos e europeus), que através de uma mão-de-obra escrava, construíram uma identidade de um povo sertanejo nesta região. (PAULA, 2006).

Paula (2006) aponta em relação às atividades exercidas nesta região que, as bandeiras paulistas e baianas nos séculos XVI e XVII começaram a desbravar a região em busca de riquezas e de posses de terras. Já no século XVIII, originou-se um período de isolamento da região norte-mineira, com a dominação da mineração em detrimento do ciclo da cana de açúcar. “A atividade mineradora foi importante para o Norte de Minas como região de fornecimento de produtos agropecuários para as minas, mas com os contrabandos de ouro e a sonegação de impostos, houve um período de restrição ao comércio da região”. (PAULA, 2006:5).

Com a cultura algodoeira, no século XVIII, a região foi responsável por parcela importante da produção para exportação. (...) Mas, foi o advento da ferrovia, no início do século XX, que permitiu uma grande difusão econômica, principalmente para as cidades localizadas às margens do Rio São Francisco. A ferrovia proporcionou a interação com o restante do país, auxiliando também no povoamento de áreas ainda não ocupadas. (...) A ferrovia beneficiava também a pecuária da região e auxiliava o escoamento da produção. (PAULA, 2006: 4).

O Norte de Minas Gerais foi e ainda é um campo considerado fértil para o desenvolvimento de atividades relacionadas ao modelo que era proposto pelo Estado. No entanto, foi a partir da década de 1960, que o Estado começou a investir em grandes medidas desenvolvimentistas para o Norte de Minas Gerais, através da criação da SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste e das políticas da CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco; que atingiam o âmbito agroindustrial de reflorestamento e irrigação. (PAULA, 2006).

Tais políticas desenvolvimentistas provocaram a modernização tecnológica na agricultura e na indústria e também aumento de serviços públicos; mas em contrapartida aumentou a concentração de terras – que favoreceu o desenvolvimento da pecuária bovina de corte juntamente com as atividades reflorestadoras – e os pequenos produtores, trabalhadores rurais e camponeses foram expulsos do campo. (PAULA, 2006:15).

O modelo desenvolvimentista proposto pelo Estado acarretava na diminuição da oferta de trabalho rural, em contrapartida a um aumento de empregos temporários. O que originou incessantes conflitos a cerca de posses de terras, que o próprio Estado interviu através da SUDENE, embora o objetivo fosse superar um desequilíbrio sócio-econômico; “beneficiou os grandes proprietários em detrimento dos trabalhadores rurais. A estrutura fundiária agravou a situação de opressão e ‘escravidão’ dos trabalhadores do campo”. (PAULA, 2006:16).

A partir da década de 1970 com a incrementação da industrialização e a modernização agrícola, houve um crescente aumento na população urbana; intensificando ainda mais a atividade econômica da época, pecuária.

As políticas públicas desenvolvidas pelas agências de Estado foram eficazes em desarticular um modo de organização sócio-econômica e desagregar, mas não apagar, as “diversas culturas constituintes da realidade regional, mas não tiveram a eficácia para conter as diversidades de racionalidades e de modos de vida que fluem pelas margens como liminaridades da identidade regional”. (COSTA, 2008:34).

Ribeiro (1995) ao se referir ao Norte de Minas, enquanto “o Gerais”, adjetivação negativa ou extensão marginal das “Minas”, mostrou o que justificaria a semântica do termo que divide o Estado em dois: as “Minas” e os “Gerais”. Concepção que serviu como forma de descaracterizar toda uma ocupação anterior daquele espaço geográfico por outras sociedades e justificar a penetração civilizada sobre esse “vazio” humano (RIBEIRO, 2005:55). Representação disseminada e reforçada através das narrativas dos cronistas coloniais, que vão de relatos e documentos do bandeirantismo às narrativas dos viajantes estrangeiros, consolidando uma literatura baseada na visão eurocêntrica de inferioridade racial do homem sertanejo como resultado do processo de mestiçagem operado na colonização e interiorizada pela intelectualidade brasileira no século XIX.

Assim historicamente o Norte de Minas Gerais é remetido à margem do processo civilizatório, relegado à sua condição de periferia com toda carga negativa que isso implica, ou seja, a porção pobre de Minas. O que justificou e ainda justifica a intervenção do Estado através de projetos desenvolvimentistas e de colonização para a região.

Com o passar dos “tempos” e o desenvolver das tecnologias, as regiões foram crescendo e as cidades se tornaram grandes pólos industriais com um alto índice populacional. Neste sentido, o processo de migração, não é um fenômeno novo, e está presente em nossa sociedade desde épocas remotas. O fato é que migrar, o deslocar se tornou vivência e construção de uma tentativa de melhoria de vida. O Norte de Minas,

assim como outros estados brasileiros, desencadeiam este processo em vários contextos: seja econômico, social ou político. Na maioria das vezes, migrar se torna solução.

O ir e vir, o estar em espaços diferentes, o inovar, vivenciar, territorializar lugares, são processos que acompanham as dinâmicas migratórias. Migrar ou mesmo transmigrar denota uma regularidade de mudanças dos espaços sociais, a quem são dadas denominações, valores, códigos e permitem uma identificação, uma vivência, um conhecer. Deslocar-se de um lugar para outro, navegar pelas lembranças de tempos passados ou mesmo de tempos presentes, é o que podemos chamar de migração.

Com os intensos processos desenvolvimentistas nas esferas econômicas e mesmo sociais, as migrações começaram a quebrar paradigmas e a tornar-se uma reprodução social concreta de várias populações. Atualmente as migrações podem ser internas ou externas. Temporárias ou permanentes; podendo ser caracterizada em seus resultados de forma positiva ou negativa.

O deslocamento de grandes massas populacionais ou mesmo individuais de pessoas para determinados espaços, é hoje um turbilhão de motivações. As pessoas migram por vários motivos, por vários desejos, independente de caráter político ou econômico; e em determinados contextos podem se tornar um problema social, devido às conseqüências estabelecidas nestes processos efetuados de formas inesperadas, tanto para quem migra como para quem recebe.

De acordo com José de Souza Martins (2002) “as migrações internas não são apenas as problemáticas migrações de campo para cidade” (MARTINS, 2002:141), mas antes as migrações do campo para o campo que assolam grande parte dos estados brasileiros. O desenvolvimento de tecnologias para a agricultura e irrigação são hoje, fatores que contribuem para a saída de camponeses, ribeirinhos, sertanejos, geraizeiros, dentre outras identidades. Contudo, ainda existem as concentrações fundiárias, que reproduzem a pressão migratória, ocasionando um grande contingente de pessoas inadaptadas aos desafios da vida urbana, evidenciando uma forma de migração negativa.

Migrar e não chegar nunca poderia representar um fenômeno na vida nômade de um migrante. Partindo do pressuposto de quem migra, migra para algo ou em busca de algo; reflete de maneira coerente e incisiva a vida daqueles que migram, o porquê migram e para onde migram. Neste sentido, o migrante temporário, ou em outras palavras aquele indivíduo que se desloca de uma determinada região para outra em um período específico de tempo e espaço, ao retornar já não é mais o mesmo; e por ter que sai nas condições que sai modifica também a dinâmica no cotidiano daqueles que ficam a esperar. (MARTINS, 1986).

Quantitativamente, existem cerca de 40 milhões de migrantes no Brasil (pessoas que moram fora do lugar que nasceram). De acordo com dados qualitativos (depoimentos, jornais, etc.) é possível identificar vários tipos de migrantes, sendo os mais comuns: Os trabalhadores rurais que migram temporariamente em busca de trabalho nas indústrias e construções; os indígenas que migram para as cidades em busca de sobrevivência e em busca de trabalho; trabalhadores rurais que migram para outras zonas rurais em busca de trabalho; trabalhadores assalariados, que em geral são expropriados das terras ou despejados das fazendas; camponeses e, sobretudo filhos de camponeses; trabalhadores rurais e urbanos que são levados como peões assalariados para trabalhar nas construções de estradas e usinas hidrelétricas; camponeses que trabalham como garimpeiros de ouro, dentre outros. (MARTINS, 1986).

O interessante desta relação que na maioria dos casos ou em todos os casos na descrição, as migrações ocorrem pelo trabalho e em busca do trabalho. O que gera a caracterização de outra modalidade de migrações temporárias: de um lado as migrações cíclicas, com seu tempo certo de saída e retorno e ritmo bem definido; a migração regulada pelo calendário agrícola de lavoura e as migrações irregulares regidas pelas

grandes obras públicas. Nas palavras do autor: *migrações cíclicas e migrações não-cíclicas* (MARTINS, 1986:49).

“Em termos demográficos, a duração – *o temporário* – é essencial para os estudos das migrações temporárias, em termos sociológicos o essencial é a concepção de *ausência*”. Se por um lado a ausência é o núcleo da consciência dos migrantes, por outro lado pode-se falar em uma cultura da ausência que permeia os grandes centros metropolitanos, como é o caso da cidade de São Paulo.

“As situações mais significativas de migração temporária que podem ser encontradas no Brasil mostram que a migração temporária é, contraditoriamente, um modo de desatar os laços familiares, e ao mesmo tempo, um modo de atar o desenvolvimento do capital” (MARTINS, 1986:50).

Dessa forma, nos processos migratórios que integram as diferentes camadas da sociedade e as diferentes regiões do país, há uma dinâmica migratória constante e específica em cada lugar. No Agreste, por exemplo, o ciclo da agricultura familiar é o que rege as migrações; no Vale do Jequitinhonha a terra para a lavoura é preparada em Setembro e Outubro, o inverso da cidade de São Paulo; o que permite perceber que o movimento incluso da sua transição faz com que cada momento da migração tenha que recuperar os respectivos padrões de sociabilidade.

Portanto, e de forma objetiva o autor encerra este texto com uma explicação contundente para o fim das migrações:

A migração será definitiva quando a festa também migrar. Quando o reencontro desses dois momentos se der no mesmo espaço e a festa, camponesa, anual, do padroeiro, sair do seu ciclo cósmico e entrar no ciclo linear do descanso semanal remunerado, do cinema, do futebol. (MARTINS, 1986: 61).

Quase toda a compreensão que norteiam as migrações, envolve em seu arcabouço “*os que se foram e os que ficaram*” como reprodução social dos espaços estabelecidos e conquistados, principalmente espaços familiares. Assim, as relações deixam de ser *local-local*, para serem *local-global*, como cita Milton Santos (1997) em suas concepções sobre a *Natureza do espaço*.

O espaço-lugar neste contexto atua como gerenciador das relações e das territorialidades construídas devido aos processos de migração. Para tanto, a cidade se torna o lugar de mobilidade e conseqüentemente de encontros, possibilitando sempre um grande fluxo de pessoas, entre suas *idas e vindas*.

A partir dessa lógica de compreensão de espaço e lugar, pode-se apreender que os lugares podem ser vistos como um intermédio entre o Mundo e o Indivíduo, o que enfatiza a “magia” presente na dialética das relações entre globalização e localização, globalização e fragmentação. O que avança na necessidade de revisitar o lugar no mundo atual e encontrar os seus possíveis novos significados, adquiridos numa territorialidade do espaço-lugar. (SANTOS, 1997).

Em “Atividade Racional, Atividade Simbólica e Espaço”, Santos (1997) coloca que “Uma dada situação não pode ser plenamente apreendida se, a pretexto de contemplarmos sua objetividade, deixamos de considerar as relações intersubjetivas que a caracterizam.” (SANTOS, 1997:315). Para isso o autor destaca que é na ação das relações intersubjetivas que se constroem e refazem os valores, através de um processo incessante de interação contínua. Desse modo, Milton Santos chega a um paradoxo em que há uma necessidade de definição entre informação e comunicação, o que há uma

grande distinção. Segundo o autor, comunicar etimologicamente significa pôr em comum. E só através da experiência comunicacional que há um restabelecimento dos laços sociais e uma sociabilidade entre os indivíduos e grupos sociais que partilham de uma mesma experiência. Enquanto a informação está ligada a apenas à transmissão sem criação ou sustentação de laços sociais.

Até mesmo o papel da vizinhança na produção da consciência; demonstra bases de “densidade social” produzida pela fermentação dos homens em um mesmo espaço fechado, gerando uma visão global e holista do mundo e dos homens. (SANTOS, 1997).

Para Milton Santos (1997), as atuais cidades, são hoje lugares, com a sua gama infinita de situações; onde a mobilidade é um fator recorrente, bem como, as novas gerações de relação interpessoal que passam a co-existir num mesmo plano. O que difere da localidade e globalidade, que de um lado são opostas e por outro se confundem em suas especificidades.

“O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.” (SANTOS, 1997: 322).

Nesse contexto, a cidade, sobretudo a grande graças à sua configuração geográfica, surge como uma diversidade socioespacial.

“Palco da atividade de todos os capitais e de todos os trabalhos ela pode atrair e acolher as multidões de pobres expulsos do campo e das cidades médias pela modernização da agricultura e dos serviços. E a presença dos pobres aumenta e enriquece a diversidade socioespacial [...]” (SANTOS, 1997:323)

Para Santos (1997), existem duas situações tipo em todas as grandes cidades: há de um lado, uma economia explicitamente globalizada produzida de *cima*, e um setor produzido de *baixo*, incluindo os setores desprivilegiados da sociedade. O autor destaca que “As classes médias amolecidas deixam absorver-se pela cultura de massa e dela retiram argumento para racionalizar sua existência empobrecida. Os carentes, sobretudo os mais pobres, estão isentos dessa absorção, mesmo porque não dispõem dos recursos para adquirir aquelas coisas que transmitem e asseguram essa cultura de massa. É por isso que as cidades, crescentemente inegalitárias, tendem a abrigar, ao mesmo tempo, uma cultura de massa e uma cultura popular, que colaboram e se atritam, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem num jogo dialético sem fim” (SANTOS, 1997: 327).

Nos dias atuais, a mobilidade se tornou uma vivência, uma regra. Hoje, os homens mudam de lugares como turistas ou imigrantes, preservando sempre o deslocamento local e global; o que faz referência a desterritorialização de um determinado espaço, ou em outras palavras, uma desculturação. Pois o vir para a cidade grande é, certamente, deixar e receber uma cultura, caracterizando o processo descrito à cima.

Dessa forma, pode-se apreender que o homem vive numa incessante busca para reaprender o que lhe foi ensinado, e pouco a pouco vai substituindo um novo conhecimento, ainda que pragmático.

Hoje, a mobilidade se tornou praticamente regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. A circulação é mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as ideias. Tudo voa. (SANTOS, 1997:328).

O ir para cidade grande tornou-se um hibridismo cultural, devido à mistura de outras culturas, de outros códigos e linguagens. Contudo, as referências familiares, a cultura herdada permanece intacta através das reproduções cotidianas ou mesmo através das lembranças vivas na memória. O passado surge como condição de realização do evento (migração) numa dinâmica do próprio presente, transformando a consciência *no lugar* por uma consciência *do lugar*. Neste sentido, “o presente não é um resultado, uma decorrência do passado, do mesmo modo que o futuro não pode ser uma decorrência do presente, mesmo se este é uma ‘eterna novidade’”. (SANTOS, 1997:330).

A MIGRAÇÃO

O sertão nordestino pode ser compreendido como uma multiplicidade de sentidos que ultrapassam as barreiras materiais, para uma visão de cultura, de povos, de natureza e de ambiente. Torna-se base de universos que se complementam através dos saberes e das práticas vivenciadas. Sendo assim, o espaço geográfico do sertão determina quem é o ser social que o habita e que se caracteriza como sertanejo.

Através deste espaço social, que se originam as identidades sociais. Tendo em vista, que vivemos em uma sociedade construída por seus papéis sociais, a identidade se torna desencadeadora das diversas personalidades nela presentes. Ser migrante, para esta concepção, categoria e identidade social, descreve o quão norteador pode ser uma caracterização, uma identidade.

Existem concepções que descrevem a existência de uma gama de identidades; e que um único indivíduo pode ser para além de uma única identidade específica. No caso do Norte de Minas, essa fragmentação ou essa complexidade de construções do “eu” individual, evidenciam a forte concepção de pertencimento com o lugar. Se identificarmos um indivíduo a critério de exemplificarmos as referidas formas de pensamento; podemos descrevê-lo da seguinte forma: brasileiro, norte mineiro, sertanejo, geraizeiro, dentre outros. O interessante desta forma de pensar, é que dificilmente encontramos num discurso a categorização, migrante. Acreditamos, que na maioria das vezes, migrar esta relacionado a um processo, um fenômeno, distante de ser uma identidade.

Sendo assim, o espaço como forma de linguagem é a percepção daquele que o habita na projeção de seus usos. O habitante, por conseguinte, é estabelecido como aquele agente que transforma e que é transformado. É nesta perspectiva de mudanças, de transformações, que o sertanejo se desprende de seus laços, para estabelecer outras relações dentro dos processos de migração.

Lugar Sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinzéguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado doarrocho de autoridade. (ROSA, 2001, p. 24).

João Guimarães Rosa (2001) ao caracterizar o sertão como lugar de fechos nos faz compreender a percepção do espaço como uma subjetividade existente naqueles que o habitam, assim como, a fidelidade de cada olhar ao encarar essa dada realidade. Sabe-se que o sertão é construído todos os dias por diversos agentes sociais, configurando-se assim, em lugar de aspectos humanos, sociais e ecológicos.

Andando pelos sertões tornou-se vivência de grande parte dos sertanejos que buscam uma melhoria de vida através da migração. Cada vez mais, o fluxo de pessoas que

saem de seus espaços e lugares para a produção direta dos meios de vida aumenta com o desenvolvimento das tecnologias agrícolas.

Segundo José de Souza Martins (1986) a migração temporária é mais do que trânsito de uma localidade a outra e até, mais do que trânsito de uma situação a outra. As migrações temporárias do campo para a cidade se caracterizam e obedecem principalmente um calendário agrícola ritmado pela natureza, onde é marcado seu tempo do campo e da cidade, onde quando termina o ciclo agrícola da lavoura, começa o ciclo da cidade onde é reproduzido e recriado seus meios sobrevivência como camponês, estabelecendo um ir e vir, uma mobilidade constante. É aí que o migrante passa por um verdadeiro dilema em sua vida, pois ainda segundo José de Souza Martins (1986) o migrante temporário, ao retornar, já não é mais o mesmo; e, por ter que sair, nas condições em que sai, modifica as relações sociais do seu grupo de origem, altera a organização da família, a divisão do trabalho familiar, o lugar de cada um. O que encontra, quando retorna, já não é aquilo que deixou. “Ele nem mesmo se reencontra porque já é outro, procurando ser o mesmo. Já não pode ver o mundo da mesma maneira que o via antes”.

Na dinâmica da migração, os que ficam sofrem pela ausência e acabam por criar novas reproduções que condizem com o trabalho que era efetuado por quem migrou. Ressaltando que apesar de ausentes, estes sujeitos ainda possuem um quarto na casa, um lugar à mesa, de um jeito ou de outro vivo na rotina da família e nas lembranças do cotidiano.

A memória é o elo que une o migrante e a família. É através dela que o migrante cria forças para continuar longe de casa, e que a família utiliza para estar sempre presente na vida de *quem foi*. Contudo, as migrações nem sempre são vistas pelo lado negativo. Existem aquelas migrações que podem ser caracterizadas como positivas e que auxiliam os migrantes em seu crescimento pessoal, como é o caso dos estudantes que saem de suas cidades, em busca de estudo, de conhecimento. Apesar de na maioria dos casos, estes saírem porque não possui outra solução em suas cidades, esta migração ainda assim é vista como positiva, pois possibilita uma troca entre as partes.

No caso das migrações negativas, estas ocorrem por uma dispersão de determinado povo, por uma expulsão de território ou mesmo pela procura de condições necessárias que dêem subsídio para a vivência cotidiana.

Neste caso as migrações negativas do Norte de Minas se caracterizam pela maioria das vezes pela expulsão de muitas populações e povos tradicionais por políticas governamentais conservacionistas como a criação de parques e reservas e também ocasionadas por grandes empreendimentos industriais, essas populações são obrigadas e forçadas a deixarem suas terras e migrarem para outras regiões.

Nesse “ir para outro lugar” muitos resistem, pois essas populações têm fortes ligações com suas origens, sua terra e seu lugar, seus antepassados, suas tradições e principalmente com seus conhecimentos, é nesta resistência que muitos povos e comunidades tradicionais valorizam seus conhecimentos, suas memórias e seus modos de vida e como isso é preservado até hoje e com toda a preocupação de estar passando para as futuras gerações esses mesmos conhecimentos. Mas mesmo migrando ainda que forçadamente para outro ou até outros lugares, o norte-mineiro nunca perde sua essência de ser sertanejo, de preservar sua memória e seus conhecimentos, é o que lhe caracteriza como sua identidade e seu jeito de ser e viver.

PARTIR PARA DESENVOLVER VOLTAR PARA VIVER

As mudanças e transformações do desenvolvimento tanto econômico quanto social ocorreram de tal forma que extrapolaram as fronteiras, e suas principais conseqüências, principalmente em cidades pequenas, em regiões como o semiárido brasileiro. Um exemplo disto é o que acontece no sertão nordestino, onde grandes empreendimentos e projetos como os de irrigação se instalam em determinadas regiões, ocasionando a expulsão e a desterritorialização de famílias inteiras de suas casas e terras, consequentemente estabelecendo assim as migrações muitas vezes forçadas e temporárias.

Como assinalando o uso abusivo da noção de exclusão como se ela explicasse absolutamente tudo, todos os problemas sociais. Desde logo, é conveniente que se diga que exclusão, em si mesma, como fenômeno isolado, é uma ficção – não existe exclusão propriamente dita. Na sociedade capitalista, a rigor, não pode haver exclusão; não pode existir sociedade capitalista baseada na exclusão. Toda a dinâmica dessa sociedade se baseia em processos de exclusão para incluir. (MARTINS, 2002:119).

É neste intuito que a reflexão da exclusão e da migração sobre essa inconveniência conceitual e os equívocos desse conceito de trânsito fácil, acarreta compreensões isoladas, e que acabam por não representar sua totalidade. Neste caso, o processo de migração.

Segundo MARTINS (2002) o conceito de exclusão se é que se possa chamar de conceito da maneira como ele é utilizado, é característico da sociedade capitalista desde a sua origem, caracterizando um enraizamento; ou nas palavras do próprio autor: “é própria da sociedade capitalista a tendência de destruir as relações sociais que não sejam relações capitalistas” (MARTINS, 2002:120). O que nos leva a fazer alguns questionamentos a cerca do “mundo ao nosso redor”, na tentativa de encontrar respostas, para nossas aflições.

Por que o capitalismo faz isso? A resposta é muito simples: para incluir. Agora, a questão é: Por que ele precisa incluir? Porque ele precisa transformar cada ser humano, não importa a cor, altura, tamanho, peso, beleza, em membro da sociedade capitalista; ou em outras palavras torná-los aptos para o mercado consumidor. (MARTINS, 2002).

Uma conseqüência deste processo, inclusive no Brasil é a disseminação do trabalho escravo; pois as pessoas tendem a seguir os padrões ofertados pela sociedade capitalista; o que caracteriza também o início de uma migração: “o sujeito é obrigado a sair temporariamente para outro lugar em busca de meios de sobrevivência”; pois segundo a própria sociedade capitalista, normal é aquele individuo que migra. (MARTINS, 2002: 125).

A palavra migração é irrelevante. Para correta compreensão do assunto, é seguramente um problema o fato de que muitos filhos de migrantes, pessoas que foram deslocadas do seu lugar social e das suas oportunidades de vida, tenham nascido no lugar de destino de seus pais. Por isso não aparecem como migrantes nas estatísticas oficiais. (MARTINS, 2002; p. 127).

Um exemplo para esta constatação seria a situação dos filhos dos migrantes de uma forma geral. Muitos deles tomam a identidades dos novos lugares, como identidades originais, de pertencimento, quando não nascem em contextos de migrantes; o que em outras palavras, seria dizer que estes acabam por se tornar vítimas da migração. Em termos práticos, podemos apreender que de forma direta ou indireta, as pessoas estão

sendo separadas de seus padrões de origem. Seja do seu espaço, das suas regras, das suas concepções, para se encaixarem em rotulações sociais, a fim de estarem inseridos “nos padrões normais de sociedade”.

O certo, é que independente do regime político ou econômico, as migrações internas vão se tornando um problema social que acabam por definir um padrão de vida moderno e até mesmo emancipador. “Nesse sentido é necessário pensar como migrante não apenas quem migra, mas o conjunto da unidade social de referência do migrante que se desloca”. (MARTINS, 2002:145).

“Os teóricos em geral têm trabalhado com o pressuposto de que as migrações são migrações rural-urbana, que a cidade que atrai é econômica, social e politicamente avançada e civilizada em relação ao atraso... do mundo rural e camponês”. (MARTINS, 2002:147).

Apesar das migrações serem constantes e apresentarem objetivos diversos, têm a capacidade de mecanizar as identidades dos indivíduos causando uma perda no *ethos* e no *eidós*. Para seguir o caminho e continuar as migrações o camponês apesar de passar por grandes dificuldades seguem o seu roteiro de migração, pela necessidade de seguir em frente e levar de volta para casa uma resposta, uma esperança. Fator que pode ser visto e compreendido no filme “Vidas Secas” em que Fabiano e Sinhá Vitória lutam dia-a-dia entre suas partidas e chegadas. Neste sentido, a definição de partir refere-se a saída de um lugar que não responde as expectativas exigidas para um novo lugar, aonde a esperança e o desejo de melhoria são as bases deste fenômeno.

Sendo assim, há neste contexto a presença da fronteira que representa a quebra do velho e do novo, do bom e do ruim, em seus aspectos sociais e econômicos envolvendo em seu contexto a incessante presença do capitalismo e das transformações advindas de sua práxis.

Conforme diz MARTINS (1996) “a fronteira é, simultaneamente, lugar da alteridade e expressão da contemporaneidade dos tempos históricos”. (...) “A história contemporânea da fronteira, no Brasil, é a história das lutas étnicas e sociais.” (...) Ainda segundo MARTINS (2002) o que faz o capitalismo, ao desenraizar as pessoas, é transformá-las em proprietárias de uma única coisa: a sua força de trabalho.

O desenraizamento do camponês não está simplesmente em sua expulsão da terra. É reduzi-lo à única coisa que interessa ao capitalismo, que é a condição de vendedor de força de trabalho. (...) O que é um trabalhador à procura de trabalho? É a pessoa que está procurando a reinclusão na sociedade através do meio mais seguro para que o expropriado e desenraizado tenha uma inserção estável nas relações sociais. O sujeito é obrigado a sair temporariamente para outro lugar em busca de meios de reprodução da vida, o que caracteriza a forma mais dramática de migração: a migração temporária. Aliás, é normal na sociedade moderna a migração. O que não é normal é não migrar. O sujeito que nunca saiu do lugar dele para ir para outro lugar para se reajustar nesse ciclo de exclusão/reinclusão, não é normal. “Normal é quem migra”. (SOUZA, 2002:121-126).

A normalidade vista e entendida nos processos migratórios é uma visão posta pela sociedade e legitimada todos os dias com a incidência destes processos. Cada dia mais, a migração torna-se diária e essencial na vida de quem migra e de quem vive da realidade desses migrantes. Muitas vezes as cidades contam com a presença desses migrantes para se desenvolver, como é o caso das grandes metrópoles que contratam por um período curto nas construções de seus prédios, escolas e estádios, o que pode ser comprovado atualmente nos preparativos para a Copa do Mundo de 2014, que o Brasil será sede.

Sendo assim, as novas demarcações de fronteiras como esclarece Alier (2007), chama a atenção para a “democracia liberal”, que perpassa as questões de crescimento econômico, que é a abertura das fronteiras econômicas entre estados e nações. Com isso podemos perceber e destacar que essas fronteiras e esse “*Crescimento*” não estão longe, não é uma questão distante, acontece e está acontecendo ao nosso redor, no mundo inteiro, a todo o momento e todo instante, com a tão famosa e falada globalização.

De acordo com MARTINS (2002) a realidade do migrante, de ser “excluído”, entre aspas, é o que caracteriza sua essencialidade. Ressaltando que muitas pessoas que migram, migram porque decidiram migrar; migram porque migrar era a melhor alternativa. Isso não quer dizer que seja a alternativa correta, mas era a melhor alternativa no julgamento do migrante.

Independente do regime político e econômico, as migrações internas sempre acabam por se tornar um problema social. Mas, as migrações internas não são apenas as problemáticas migrações do campo para a cidade. No Brasil, país de dimensões continentais tem sido também, embora não somente, migrações do campo para o campo, como se viu nas últimas décadas, no processo que agora chega ao fim. A cidade já não oferece muitas alternativas de vida; perde seu poder de ressocializar a partir de valores e relações sociais que estejam referidos à cidadania, à consciência cidadã dos direitos, à grande cultura, à religião, etc. (SOUZA, 2002).

Na atualidade, as migrações se caracterizam por um imaginário oposto: o próprio ato de migrar já concebido como perda, expulsão e fim. A exclusão, de que as migrações são um momento fundamental, deixa de ser temporária e se torna um modo de inserção social degradada.

Durante muitos anos, este mesmo sertão que é capaz de transformar saberes e aprimorar convicções, foi e continua sendo cenário de grandes conflitos, mas também de grandes descobertas.

Quando adentramos o sertão, todas as impressões são mais reais, mais intensificadas, mais vividas. A vegetação que por si só já demonstra uma realidade, aos olhos de quem vê se torna exuberante; o sol, o calor, as águas límpidas e torrenciais expressam o quão guerreiro se faz o sertanejo.

Segundo Guimarães Rosa: “... o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe no meio da travessia.” (ROSA, 1985:60) Acreditamos que não há um ponto fixo na linearidade dos acontecimentos, mas, existe a caminhada para estes acontecimentos, ou em outras palavras, a persistência de acreditar e galgar em busca de um objetivo. É através desta que enxergar no Sertão a capacidade de compreender a existência de uma cultura definidora de relações sociais, bem como, caracterizar a existência de uma comunidade tradicional proveniente do Sertão, se faz relevante nesta discussão de migração.

Independente do tempo ou espaço no qual estamos inseridos, vivenciamos e aprendemos uma redescoberta de valores, conceitos, crenças, que juntamente com o “correr da vida” adquirem simbologias próprias, caracterizando a personalidade de um indivíduo ou comunidade.

Costumamos acreditar que em nossos contextos sociais e/ou teóricos a comunidade tradicional opõe-se a sociedades regionais mais modernas, mais amplas, mais diferenciadas; mais complexas, enfim (BRANDÃO, 2010) Um grande erro, pois foi a partir de sociedades dadas como complexas ou diferenciadas das comunidades comuns, que as sociedades tradicionais parecem ter surgido como forma de pesquisa e até como um espaço social.

É através de realidades como esta que se é possível comprovar a existência de sociedades tradicionais, além da visão de pesquisadores. E como dito anteriormente, elas não surgem como oposição a sociedades mais complexas, mais como o diferente, o inusitado, até então imperceptível aos olhos de uma camada dominante. São através de protestos, reivindicações, movimentos sociais, lutas pelos direitos, que estas sociedades tradicionais alavancam outro cenário, que não o de observado.

Por um lado, as comunidades tradicionais existem sutilmente por uma corrente intelectual capaz de proporcionar uma diversidade de descobertas e aprendizados. Por outro lado, elas existem em função das cidades, ou em outras palavras, da possibilidade de encontrar nas cidades algo além das teias de parentescos, caracterizando uma forma de campesinidade. Porém, esta campesinidade do modo ao qual foi descrita acima, não é uma estrutura fixa para a maioria dos pesquisadores, tendo em vista de que não existe de fato uma diferença concreta nas estruturas de sociedades tradicionais.

Tomando por base uma linhagem considerada arcaica aos olhos da História, neste caso regional, “podemos ousar como um ponto de partida a idéia de que, por oposição a todas as outras, são comunidades tradicionais aquelas que ‘ali estavam’ quando outros grupos humanos, populares ou não, ‘ali chegaram’ e ali se estabeleceram.” (BRANDÃO, 2010)

Representando de alguma forma um sentido ou sentimento de territorialidade, ocasionado por um objetivo ou necessidade, conseqüentemente desencadeando culturas diversas. É a partir deste contexto que a maioria das comunidades tradicionais sobrevive, ressaltando que a cultura nem sempre é inovada, porém, além de conservar caracteres distintos de uma personalidade anterior, podem adquirir sem uma percepção termos ou conceitos vivenciados.

É certo que em todos os momentos, os indivíduos buscam por respostas e entendimentos para todos os fenômenos que ocorrem na vida. E é esta busca incessante por respostas que caracterizam a simbologia das coisas mais simples que completam o então chamado “mundo da vida”. Mundo este, repleto de teias de significados que o próprio homem tece ao longo de sua existência. Seja como forma de apreensão, ou como forma de descobertas.

Mesmo que de forma ampla, todos os indivíduos colocam em prática o que chamamos de ciência. Seja a ciência passada de pai para filho, de professor para aluno, de velho para novo, enfim, tudo que se pode ter uma explicação considerada como uma forma de ensinamento. Já dizia Geertz: “se você quer aprender o que é ciência, você deve olhar, em primeiro lugar, não para suas teorias ou suas descobertas, e certamente não para o que seus apologistas dizem sobre ela; você deve ver o que os praticantes da ciência fazem”. (GEERTZ, 1978).

Seja presente nas comunidades tradicionais, seja sob a forma com a qual envolvem os indivíduos, o processo ou fenômeno da migração, possui características definidas com as quais os indivíduos se reportam a seus lugares de origem, ainda que não estejam presentes fisicamente. Para essa contextualização, cultura, sentimento, pertencimento. Assim sendo, as lembranças se tornam construções sociais da identidade, ainda que existam diversas outras identidades.

Um fenômeno presente na vida dos migrantes é a eterna vivência de seus espaços, de seus familiares, através da memória. É ela a responsável pela reprodução de grande parte da cultura de quem migra. Independente da distância, do lugar, o migrante reproduz e vive o que lhe foi ensinado deste pequeno. Seja através da música, da dança, da comida, da religiosidade, a sempre um pouco do lugar de origem.

Contudo, as transformações são inevitáveis. O hibridismo entre culturas, entre as maneiras de se portar e vestir se modificam de acordo com os espaços a que estão vinculados. Em grande parte dos casos, o migrante ao voltar para sua terra, seja para uma festa ou uma visita rápida explicita essas transformações através de sua aparência: um

novo corte de cabelo, uma roupa da moda, novas gírias, um novo modo de andar e principalmente com a presença dos óculos escuros, que além de caracterizar a globalização existente no processo, demonstram o hibridismo no ser individual. O migrante acaba em não pertencer a nenhum lugar, dando uma compreensão para as multiplicidades de identidades.

A mobilidade da volta para a casa perpassa o contexto da saudade de quem fica a *esperar*, da necessidade de mostrar o desenvolvimento de quem esteve *fora* ou mesmo como forma de ajudar financeiramente, que na maior parte dos casos é o *motivo* da migração. Sendo assim, podemos considerar a memória como uma tradução entre dois mundos, entre dois tempos. O mundo de casa e o mundo do trabalho. O tempo de casa e o tempo do trabalho. Ocasionalmente assim, o verdadeiro sentido para quem migra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, como vimos às migrações podem se estabelecer em seus mais variados aspectos. Falamos neste trabalho em memória, fronteira, identidade, mobilidade social e espaço. Nesse contexto, apreendemos que as migrações podem ser definidas em forçadas, temporárias, positivas ou negativas, sendo em sua maioria migrações internas, do campo para a cidade, não sendo uma exclusividade.

Sendo assim, entendemos que a migração se dá para além do *ir* e *vir*. São contextos, situações e aspectos variados que fazem uma pessoa migrar. Ao migrar do campo para a cidade, o camponês deixa para trás uma vida inteira com sua família “*para tentar a vida na cidade grande*”. Ao fazerem isto, os processos da migração se renovam, podendo passar de geração para geração, como uma verdadeira prática a ser seguida.

Por outro lado, as migrações podem ser ocasionadas como positivas, que são os casos de estudantes que se deslocam para estudar e adquirir um diploma, que é em sua essencialidade para se adentrar no mercado de trabalho (capitalismo). Viver entre fronteiras, entre tempos e espaços diferentes; entre o novo e o velho, o bom e o ruim, entre ser e não ser é normal. Pois como diz José de Souza Martins (2002) Migrar é normal.

REFERÊNCIAS

ALIER, Juan Martínez. *O Ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração*. São Paulo; Contexto. 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A comunidade tradicional. In: COSTA, João Batista Almeida. LUZ, Cláudia (Orgs.). *Cerrado, Gerais, Sertão: comunidades tradicionais dos sertões roseanos*. Montes Claros: 2010 (n prelo). P 1-365.

COSTA, João Batista de Almeida. *Tomando alho por bugalhos: O decantado desenvolvimento do Norte de Minas*. Unimontes Científica – Revista da Universidade Estadual de Montes Claros; v.7 , nº2, (Julho/Dezembro de 2005). Montes Claros; 2005.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura; In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar 1978. p.185-213.

MARTINS, José de Souza (1986). *O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil*. In: *Não há terra para plantar neste verão*. Petrópolis/RJ: Vozes.

MARTINS, José de Souza. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap3 e 4. “O problema das migrações e da exclusão social no limiar do terceiro milênio”. Pg. 119 a 137. Cap. 4 “A vida entre parênteses – Migrações internas no mundo contemporâneo” – Pg. 139 – 150.

PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A região mineira do Nordeste – Grande Sertão*: Trabalho apresentado no XVIII Nacional de Geografia Agrária – Rio de Janeiro – 06 a 09 de Novembro de 2006.

PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de. *Travessias – Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas*. Tese de doutorado. UFU, 2009.

PAULA, Andréa Narciso Rocha de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues; CLEPS JUNIOR, João. *Pesquisa de campo e em campo, os saberes das histórias de vida em comunidades rurais no sertão de Minas Gerais/Brasil*. In: VII Congresso latino americano de sociologia rural-Asociacion latinoamericana de sociologia rural, Quito: Eguador, 2006, anais.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. Companhia das letras. São Paulo – Segunda Edição; 1995.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 624p.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Hucitec, 1997. Cap 14 – Lugar e Cotidiano. Pg. 313 – 330.